

Uma simbiose fotográfica

POR LIVIA CAPELI

A fotógrafa francesa Claire Jean mistura elementos da natureza para criar imagens de pessoas comuns usando uma estética própria

Pegue muita tinta, alguns corpos nus e uma porção de terra ou areia... Acrescente à receita luz natural e cenários como lagos, bosques e campos queimados e terá uma fotografia de nu artístico que vai além do conceito de iluminação e sombra elaborados dentro de estúdios fechados. É com todos esses ingredientes que a fotógrafa Claire Jean, francesa que adotou o Brasil desde 1980 como pátria, produz ensaios com corpos humanos como forma de expressão e crítica.

Claire tem como proposta integrar os corpos e a natureza numa simbiose fotográfica. Ela escolhe paisagens de diversas regiões brasileiras para mandar o seu recado à civilização atual: é preciso deixar de viver um pouco menos no mundo tecnológico e artificial para lembrar que o ser humano vem da natureza. A irrequieta fotógrafa contou para **Fotografe** como cria seus ensaios a partir de elementos simples e naturais, e como funciona esse processo criativo. Acompanhe.



Pó à base de farinha
de arroz e corantes é o
novo experimento de
Claire Jean para criar
movimento nas fotos

Claire Jean



Fotos: Claire Jean

O objetivo da fotógrafa é criar imagens em que natureza e homem se mesclam em uma simbiose perfeita

FOTOGRAFIA COMO TERAPIA

Formada em Bioquímica pela Universidade de Estrasburgo, na França, Claire Jean, 62 anos, chegou ao Brasil na década de 1980 para trabalhar em uma fazenda

em Patos, na Paraíba. Lá, fazia coisas como transplantar embriões ou fabricar queijos. Foi nessa época que ela conviveu com pessoas bem diferentes das quais se relacionava na Europa e pôde aprender muitas coisas sobre valores humanos.

A fotógrafa, mesmo atuando como bioquímica, sempre teve uma veia artística aflorada. Costumava fazer arranjos de flores, esculturas em cerâmica e pinturas em seda. Entre um trabalho e outro na fazenda, onde permaneceu até 2001, decidiu realizar um curso por correspondência de Artes Plásticas, na França. Foi nesse período também que ela adotou a fotografia como *hobby*.

Porém, em 2008, Claire descobriu ter câncer de mama. A partir daí, a fotografia para ela ganhou intensidade e importância na luta contra a doença e suas consequências. “Eu necessitava de uma distração e descobri naquele momento que minha paixão era fotografar corpos pintados”, lembra ela.

Após se separar do marido, Claire veio morar em São Paulo (SP) para realizar o tratamento. Durante a quimioterapia, ela se interessou em participar de vários workshops





Normalmente os modelos fotografados por Claire são pessoas comuns, que se oferecem para posar e chegam até ela por meio de redes sociais

de fotografia, o que a ajudou bastante a esquecer o tratamento.

Claire conta que fazia experimentos e fotografava muita coisa abstrata na época, buscando sempre um estilo próprio. Porém existia mais pesquisa do que prática, pois nessa fase não podia viajar para fotografar na natureza.

Somente em 2009, liberada do hospital para continuar o tratamento em casa apenas com medicação, Claire começou a praticar com corpos pintados. No início, ela fotografava a si mesma, desnuda, sempre ao ar livre, em meio à natureza e em locais inexplorados. Depois passou a ter os próprios modelos.

MODELOS POR UM DIA

Apesar de envolver no artístico, Claire Jean não encontra dificuldades em arranjar modelos para seu trabalho. "Registro qualquer pessoa





Fotos: Claire Jean

A fotógrafa já viajou para diversas regiões do Brasil em busca de locais selvagens ou ameaçadas pelo homem

que deseje ser fotografada. São todos voluntários. Muita gente praticante de naturismo não são modelos profissionais, e sim pessoas comuns. E não interessa se são gordos, magros, crianças, jovens ou velhos. Os modelos ‘caem do céu’, se identificam com o meu ensaio e pedem para serem registrados. Muitos contatos vêm das redes sociais, apesar da minha página do Facebook já ter sofrido censuras algumas vezes”, explica ela.

A fotógrafa conta que combina o projeto com os interessados e viaja para registrá-los. As ideias acabam vindo em função das características das pessoas, bem como dos lugares que escolhe para fotografar. Na

lista de locais que já usou, estão locais como Ilha de Marajó, no Pará; Lençóis Maranhenses, no Maranhão; Parque Nacional do Catimbau, em Pernambuco; Chapada Diamantina, na Bahia; Chapada dos Veadeiros, em Goiás; Paraty, no Rio de Janeiro; além de locais em Alagoas, Paraíba e Ceará.

“Gosto de seguir os sinais e minha intuição. Uma vez perdida com uma modelo na mata da Chapada dos Veadeiros, sem saber o caminho, segui um casal de araras, que me mostrou a direção. Aquilo foi mágico, pois chegamos a um lugar extraordinário”, lembra ela, que diz procurar sempre locais devastados ou mais selvagens para expressar a preocupação com o planeta.

Como não se sustenta financeiramente com a fotografia (atividade tida por ela apenas como *hobby*),

Claire viaja e fotografa com poucos recursos, porém, nem por isso com menos qualidade.

O projeto de Claire Jean é denominado *Simbiose – Homem/Natureza*, pois engloba um conjunto de imagens em que o corpo humano é o principal meio para fazer uma crítica à sociedade. O objetivo é ter sempre corpos se misturando com a natureza, enraizando-se com a terra, mesclando-se com árvores e pedras; misturando-se com areia e água; sempre pintados para entrelaçar a nudez com o cenário.

A iluminação natural é outro ponto fundamental no trabalho da fotógrafa. Ela costuma desbravar os cenários ao nascer ou pôr do sol. A luz, que ela chama de mágica, às vezes é rebatida ou difundida com um simples rebatedor. Quando tem um acompanhante do modelo (e raramente tem), o faz de assistente.



Na maioria das vezes, a fotógrafa cria os ensaios em função da personalidade dos modelos, todos voluntários; entre eles há atores ou praticantes de naturismo; e a grande maioria tem um objetivo em comum que é a conscientização ecológica e a preservação da natureza





Acima, imagem que alerta contra a destruição da natureza; abaixo, a própria Claire Jean pinta uma modelo com tintura natural



André Azevedo

BODY PAINTING

O trabalho de pintura corporal (ou *body painting*, no termo em inglês e como Claire gosta de usar) é o principal elemento para compor os ensaios. Ela lembra que a pintura corporal é ancestral, está presente em diversas culturas. No Brasil, vem dos indígenas que pintam os corpos com tinturas extraídas de árvores e frutos. “O processo de preparação de tintas produzidas pelos índios consiste em ralar frutas e semente e depois misturá-las com outros pigmentos, como o jenipapo e o urucum, para diversificar as cores”, diz ela.

Além de se basear na técnica de pintura indígena, priorizando sempre o uso de pigmentos naturais e hipoalergênicos, a artista está em



constante pesquisa para aprimorar a técnica, importando para seus experimentos também pigmentos da Alemanha e dos Estados Unidos. “Gosto de testar pigmentos com base de urucum e jenipapo. Além disso, tenho utilizado um pó colorido, feito de farinha de arroz e corantes naturais, que é comestível. Uso o pó para criar movimento em algumas cenas em que o modelo pode jogar para o alto. Aprecio muito produzir texturas nos corpos e a argila ajuda com esse efeito”, explica Claire, que disse ter aprendido a técnica de *body painting* estudando e praticando sozinha por meio de livros e tutoriais na internet.

Dependendo do trabalho pretendido, a fotógrafa demora entre meia e uma hora para fazer a pintura corporal nos modelos. Além de ser um trabalho que exige habilidade com pintura, ela tem diante de si o desafio de pintar uma tela que se mexe e não é plana. Já o material usado para aplicar os pigmentos pode variar: pincéis, esponjas e até as próprias mãos.

Qualquer que seja a técnica usada, apesar dos calos nos pés por causa das longas trilhas, das horas necessárias pa-

ra encontrar o lugar perfeito para realizar a sessão e do custo que envolve equipamento, viagens e materiais, a paixão de Claire Jean pela arte de fotografar transparece nos registros em que ela expressa críticas, sentimentos e alertas. ●

Argila, urucum, jenipapo e pigmentos naturais importados são os materiais usados por ela para fazer a pintura corporal

